



#### **COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO**

FREIRE. Christina. Transformando mitos: a doença e a morte através do tempo. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos](http://www.centroreichiano.com.br/artigos). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

1

## **TRANSFORMANDO MITOS: A DOENÇA E A MORTE ATRAVÉS DO TEMPO**

**Christina Freire**

### **RESUMO**

A autora discorre de forma breve sobre a concepção da morte ao longo da história até o momento atual e a importância na compreensão dos pensamentos sobre Vida e Morte no trabalho psicoterápico com doenças orgânicas, tanto para o terapeuta como para o paciente.

**Palavras-chave:** Finitude. Morte. Vida.

---

Encarar a morte de frente é como olhar para o sol sem proteger a vista..... pode nos cegar por momentos e perturbar nossas vidas.

.Será esta a razão que nos faz separá-la completamente da compreensão do que é viver?

A morte como fenômeno físico é exaustivamente estudado, porém no terreno do psiquismo permanece um mistério.

Falar da morte sempre provoca certo desconforto, pois ficamos frente a frente com o inevitável, a certeza de que um dia a vida chega ao fim.

Ao longo da história, muitos filósofos, historiadores, sociólogos, biólogos, antropólogos e psicólogos vêm dedicando sua atenção à morte, por ela se tratar de uma questão essencialmente humana.

No transcorrer do tempo podemos observar grandes mudanças na concepção de morte.

Porém um ponto nos chamou a atenção. Nenhum grupo abandona seus mortos sem ritos de passagem, o que pode demonstrar que nós, humanos, desejamos obter mesmo que seja após a morte, a falta que tivemos em vida.

O budismo, através da sua mitologia, busca afirmar a inevitabilidade da morte, a morte faz parte da vida, para o budismo tudo é impermanente, nada dura o corpo tem seu fim, mas a vida não termina com a morte, após a morte há o renascimento.

Na mitologia hindu, a morte não é um fim em si, acredita-se em um ciclo contínuo de nascimento, morte e renascimento, a alma passa por muitas



#### **COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO**

FREIRE, Christina. Transformando mitos: a doença e a morte através do tempo. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos](http://www.centroreichiano.com.br/artigos). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

2

reencarnações na forma humana, animal ou vegetal para ir se transformando até a libertação final, a morte neste caso é um grande evento.

A tentativa de um controle mágico sobre a morte utilizada pelos povos antigos, facilita sua integração psicológica, evitando uma cisão entre vida e morte; e assim aproxima o ser humano da morte, abrandando o medo de sermos pegos de surpresa.

O Cristianismo introduziu a noção de sacralidade da vida, transformando assim a maneira de perceber e compreender a morte. Vida e morte passam a ser pensadas como nitidamente opostas, trazendo à consciência do ser humano o temor da morte e, conseqüentemente a intenção de expulsá-la do seu cotidiano.

A partir desse momento conteúdos negativos começam a ser associados à morte.

A morte é personificada como uma nova forma de tentar entender com quem ou o que estamos vivendo, e assim imagens artísticas se consagra como verdadeiros símbolos da morte, chegando aos nossos dias a morte reprimida e proibida como forma de controle.

Seria controle ou total descontrole sobre a vida, tentarmos nos defender psiquicamente, de forma cada vez mais intensa, contra a morte. Cada vez menos podemos ter a escolha de onde ou com quem ao lado queremos morrer, que ritos de passagem e mensagens nos darão paz e dignidade no morrer.

A morte natural deu lugar à morte monitorada.

O conceito de morte, atualmente, não a incorpora como parte da vida, reafirma somente o medo do abandono e a consciência da finitude na qual evitamos pensar.

O ser humano pensa a morte como castigo ou punição.

Mas podemos pensar na morte como um instante de vida. E assim sermos impulsionados pelo nosso forte desejo de sermos imortais ao compreender que fazemos parte de um todo ...e assim à medida que formos descobrindo que parte de nós, a matéria, inevitavelmente um dia irá morrer, vamos nos humanizando.



#### **COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO**

3

FREIRE, Christina. Transformando mitos: a doença e a morte através do tempo. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos](http://www.centroreichiano.com.br/artigos). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

O adoecer nos dá a plena consciência da nossa existência, justamente por vida e morte estarem tão entrelaçadas.

Nos tempos atuais morrer é um fracasso. Deparar-nos com a morte é aceitar nossa fragilidade.

Se o significado da morte em nossos dias é nos igualarmos a tudo que é finito, e ser finito é fraco e mortal, isso justifica estarmos vivendo sempre no limite, onde viver é cultuar e perpetuar a morte.

No somatodrama qualquer pessoa pode experienciar sua versão de Deus Criador como criatura. Deus encarnado no mundo psicodramático nos toma co-criadores e co-responsáveis por nossa própria história.

Crer no poder criador é testemunhar o nosso acesso, dando-nos a possibilidade de transcendê-lo.

O sofrimento, o adoecer, fez parte integral da vida humana. Sabemos que o ser humano consegue aceitar e suportar o sofrimento legítimo. O que na verdade não suporta é o sofrimento sem significado. É, pois, uma estrutura simbólica e o contexto que dará significação para o sofrimento, e que levará homens e mulheres a buscarem de forma espontânea o poder criativo da auto-cura, em um compromisso de co-criação.

Para que isto se torne possível tanto o paciente como o terapeuta devem conhecer, transformar e atualizar seus conceitos de Doença e Morte.

#### **REFERÊNCIAS**

FREIRE, Bártolo M. Christina A. Uma contribuição psicodramática às vivências psicossomáticas. **Revista Brasileira de Psicodrama**. São Paulo, 1994, ano 6, n. 2, p. 24

FREIRE, M. Christina A. **O corpo reflete o seu drama**: somatodrama como uma abordagem psicossomática. Ágora, São Paulo, 2000.

FREIRE, Bártolo M. Christina A. Psicossomática e Psicodrama. Artigo de Revisão. **Revista Brasileira de Psicodrama**. São Paulo, 1994, v.2, f. II, p. 61

ALMEIDA, Castelo, Wilson. **Psicoterapia aberta**: o método do psicodrama. São Paulo: Ágora, 1982.

MORENO, J. L. **As palavras do pai**. Campinas: Editorial PSY, 1992.



#### COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

4

FREIRE. Christina. Transformando mitos: a doença e a morte através do tempo. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos](http://www.centroreichiano.com.br/artigos). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

NAFFAH Neto, A. **Psicodrama**; descolonizando o imaginário. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 197-232.

---

---

#### AUTORA

**Christina Accioli Freire/SP** - CRP-06/2066 - Psicóloga, Especialização em psicologia clínica. Pós-Graduação lato senso em Psicodrama. Professora e Supervisora em Psicodrama, credenciada pela Federação Brasileira de Psicodrama – Febrap. Docente em Somatodrama da EPP – Escola Paulista de Psicodrama. Criadora e Coordenadora do Somatodrama - Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicossomática e Psicodrama. Coordenadora do Depto. de Psicossomática do ISEXP - Instituto Brasileiro Interdisciplinar de Sexualidade e Medicina Psicossomática. Coordenadora e docente do curso de extensão universitária de Psicossomática e Sexualidade da Faculdade de Medicina do ABC, S. Paulo. Livros Publicados: “O Corpo Reflete o seu Drama: Somatodrama como abordagem Psicossomática, Ed. Agora, 2ª edição. SP, 2008. “Prisma”. Ed.Escrituras, SP, 2000. “Quando a Psicoterapia Trava”, Org. Marina Vasconcellos, O Paciente Cala o Corpo Fala “pp. 37 a 55”. Ed. Ágora, 2007, SP

**E-mail:** [christina-freire@uol.com.br](mailto:christina-freire@uol.com.br)

